

Por uma cultura de Diálogo e Reconhecimento

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é reconhecida por sua história de compromisso com a formação humana, ética e cristã, e por valorizar, em sua missão, o respeito e a dignidade de todas as pessoas que constroem cotidianamente esta Instituição. Entre elas está o corpo administrativo, cuja atuação silenciosa e constante garante o funcionamento de todos os setores e serviços da Universidade.

Recentemente, fomos surpreendidos pela notícia do desligamento de um colega de trabalho, membro do Conselho Fiscal desta Associação.

Nesse contexto, a AFAPUC entende que é importante re-

afirmar a necessidade de fortalecer uma cultura institucional baseada no diálogo, no reconhecimento e no feedback contínuo. As relações de trabalho devem ser pautadas pela transparência e pela possibilidade de escuta mútua, de modo que cada funcionário possa compreender as expectativas em relação ao seu desempenho e, quando necessário, ter a oportunidade de aprimorar-se. Soma-se a isso o respeito ao direito de organização dos funcionários por meio de sua associação. Vale lembrar que, há alguns anos, esse cargo estaria acobertado pela estabilidade, o que vem sendo paulatinamente reduzido a um número menor de cargos

estatutários. Destaca-se ainda que foi pleito da categoria o retorno da estabilidade aos membros do Conselho Fiscal na negociação do último acordo coletivo de trabalho - pleito este que, infelizmente, não foi acolhido. O feedback construtivo é uma ferramenta essencial de gestão, mas também um gesto de respeito humano. Ele permite que cada funcionário saiba o que está indo bem, o que precisa ser ajustado e como pode contribuir de forma ainda mais efetiva para a atividade para a qual foi contratado. Dessa forma, cria-se um ambiente mais justo, cooperativo e coerente com os valores

crístãos que fundamentam a PUC-SP e corroboram sua missão.

Diante disso, faz-se oportuno refletir sobre a importância de mecanismos institucionais de avaliação e retorno, que fortaleçam o vínculo entre gestores e equipes, promovendo o crescimento profissional e pessoal de todos os que integram a comunidade universitária.

Mais do que uma prática administrativa, trata-se de um compromisso ético e humano — com as pessoas, com o trabalho e com a própria Universidade que desejamos construir juntos.

Diretoria da AFAPUC

Professores, funcionários e estudantes preparam Ato para o dia 10/11 na Prainha

Prossegue a mobilização dos três setores da universidade para a realização do Ato Antirracismo e pela Autonomia e Transparência Universitária, que acontecerá no dia 10/11, às 17h30, na Prainha. No mesmo dia e local, pela manhã, será realizada uma aula pública.

As Comissões de Preparação do Ato estão divulgando nas redes sociais, uma série de chamadas para o Ato, com questionamentos sobre a realidade hoje enfrentada pelos professores da PUC-SP, que representaram um ponto de partida para as discussões que ora acontecem na universidade. Veja ao lado alguns dos tópicos dessas chamadas.

Você SABIA?

✓ Que a PUCSP foi a primeira universidade a contratar professores por Tempo Parcial e Integral, pioneira no ensino superior no país e que foi resultado da luta coletiva de professores pela APROPUC?

✓ Que os Contratos por Tempo Integral ou Parcial previam horas contratuais no tripé ensino, pesquisa e extensão, o que caracteriza uma universidade democrática de qualidade na formação profissional?

✓ Que conquistamos no CONSUN a contratação

de professores negros, até atingir o mínimo de 37%, que equivale à porcentagem da população negra em São Paulo. E que, até então, a PUC-SP tinha apenas 5,7% de professores negros?

✓ Que em 13 de julho 2023, o CONSAD instituiu a Deliberação 03/2023, que precariza e racializa os novos contratos de trabalho?

✓ Que os novos professores precisam assumir mais horas de aula que os docentes contratados anteriormente, e que a remuneração para os novos contratados é muito inferior?

Reitoria apresenta ao Consun a nova política institucional de pesquisa

A sessão do Consun de outubro ocupou-se, em sua maior parte, com a exposição da vice-reitora professora Carla Longhi sobre a nova política institucional de pesquisa.

A professora iniciou sua apresentação com um diagnóstico sobre a situação atual da pesquisa na universidade. Os primeiros quadros mostraram um aumento de ano para ano nos valores de concessão dos benefícios da pesquisa, lembrando, porém, que estamos já há um ano sem verbas para esse fim, em virtude do contingenciamento praticado pela Fundasp.

A comparação da situação da área de pesquisa entre as PUCs em geral mostrou um quadro preocupante já que a PUC-SP apresenta praticamente os menores números de produtos produzidos, e esse conteúdo é pouco impactante em termos de citações em outras produções acadêmicas. No

RUF, a PUC-SP se encontra em penúltimo na análise geral entre as outras Pontifícias. No entanto a PUC-SP apresenta um bom desempenho quanto à colocação de seus alunos no mercado e na qualidade de seu ensino.

A nova política de pesquisa prevê a criação de um escritório que fornecerá apoio logístico à pesquisa com ênfase na captação de recursos. A proposta prevê a manutenção dos editais de fomento, com estímulo à captação de recursos externos; auxílio à pesquisa com exigência de produção qualificada; participação presencial em congressos; auxílio à publicação de artigos; auxílios a periódicos da PUC-SP e projetos de extensão estimulando a inserção social da universidade em projetos de impacto.

O novo projeto de pesquisa recebeu o aval da Fundasp, que designou uma verba de

R\$1 milhão para o primeiro semestre de 2026.

A reitoria informou também que existem negociações avançadas com a mantenedora para entrada e ascensão na carreira, bem como para um PDV (que serão temas dos próximos Consuns).

Procura no vestibular

Os conselheiros foram também informados sobre a procura no vestibular, que alcançou o número de 7847 inscritos pagantes, um aumento de 6% em relação ao vestibular de verão de 2024, após a antecipação da prova. De um modo geral, houve um aumento na maioria dos cursos oferecidos e a prova realizada registrou a ausência de 652 candidatos, um número 6% inferior ao registrado no vestibular anterior. A primeira chamada para inscrição na PUC-SP acontece a

partir do dia 05/11.

Relatório da Ouvidoria

A conselheira Maria Helena Gonçalves Soares Borges apresentou o relatório estatístico da Ouvidoria Pública da PUC-SP, que registrou no primeiro semestre um número de 244 manifestações, o que representou um aumento de 35% em relação ao período anterior. A maioria das manifestações foi feita por estudantes e os setores mais demandados foram a SAE, Contas a Receber e Educação Continuada, sendo os principais temas relacionados à cobrança, matrícula, relacionamento professor/aluno. A conselheira disse que a Ouvidoria buscará melhorar seus prazos de resposta, que em 23% das reclamações levou cerca de 15 dias para a resolução.

**professor e funcionário,
filie-se à sua associação!**

Somente a participação efetiva na APROPUC e AFAPUC garante conquistas superiores à própria Convenção Coletiva, melhores condições de ensino e trabalho, contrato de trabalho diferenciado, manutenção de uma imprensa combativa, luta permanente por uma aposentadoria digna, entre tantas outras conquistas que só podem ser viabilizadas com uma associação forte e atuante.

SUA PARTICIPAÇÃO NA LUTA DE DOCENTES E FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS É FUNDAMENTAL!

XVIII Semana de Economia debate

Fronteiras da Economia

Entre os dias 20 e 22, aconteceu a XVIII Semana de Economia, organizada pelo Departamento de Economia e pelo Programa de Pós Graduandos de Economia Política da FEA-PUCSP. O tema da semana foi “Fronteiras da Economia: Sustentabilidade, Mercado de Trabalho e Inovação” e contou com palestras online, mini cursos e apresentações de trabalhos de docentes e discentes, nos três períodos do evento.

A mesa de abertura teve como tema “As relações entre China e EUA no novo cenário mundial” mediada pelo professor do curso, Antonio Carlos de Moraes, com os convidados Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho, César Roberto Leite da Silva, Pedro Costa Júnior e Alexandre Abdal. Este último comenta que as relações norte-americanas em relação à China são reativas e que os norte-americanos se descobriram perdedores da globalização, enquanto a China, ganhadora, sendo que os ianques foram

os criadores desse sistema. O professor contextualizou o conceito de globalização. Desde o fim do governo Obama, democratas e republicanos visualizam a China como uma ameaça para eles. O que ocorre agora no governo Trump é apenas uma forma mais despolida para lidar com a questão chinesa, que já vinha sendo gestada em outros governos.

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, que tinha presença confirmada para o período da noite do primeiro dia, cancelou sua presença.

Na mesa de terça à noite, sobre a Neo-Industrialização Brasileira, com o professor do curso de Economia Antônio Corrêa de Lacerda, Rafael Cagnin e mediação de Roland Veras Saldanha Jr., foi analisada a política de desenvolvimento do governo Lula, com financiamentos, descarbonização e novas políticas industriais. Segundo os palestrantes, a política industrial não é para fazê-la crescer, mas para modernizá-las



Acima a mesa de abertura “As relações entre China e EUA no novo cenário mundial” mediada pelo professor Antonio Carlos de Moraes, com os convidados Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho, César Roberto Leite da Silva, Pedro Costa Júnior e Alexandre Abdal. Abaixo, a mesa “Neo-Industrialização Brasileira”, os convidados Rafael Cagnin e professor Antônio Corrêa de Lacerda, com mediação do professor Roland Veras Saldanha Jr.

e transformá-las. Foi citada a reportagem do Valor Econômico, do dia 21, a respeito da análise do FMI sobre nossa taxa de juros, que consolida o Banco Central brasileiro como um dos mais conservadores. A questão da transição energética esteve em pauta e Rafael Cagnin pontuou que

existem problemas na máquina pública, mas que não se deve fazer uma reforma administrativa apenas com intuito de corte de gastos: “essa ladainha de Estado grande e pequeno. O que importa é um Estado funcional, bem articulado com as forças privadas.”

Tucarena recebe o 47º edição do prêmio Vladimir Herzog

Evento já tradicional sediado na PUC-SP, será entregue, na próxima segunda-feira, dia 27 de outubro, o 47º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, no Tucarena, a partir das 20h, precedido pela Roda de Conversa com os ganhadores do Prêmio, às 14h, coordenados pelos jornalistas Aldo Quiroga, professor do departamento de jornalismo da PUC-SP e o jornalista Sérgio Gomes, da OBORÉ e Instituto Vladimir Herzog. A Roda será transmitida ao

vivo pela TVPUC em <https://www.youtube.com/@tvpuc>.

O prêmio honra jornalistas, fotojornalistas e artistas do traço que desenvolvem trabalhos voltados para a Democracia, paz, justiça e de defesa dos direitos humanos. Neste ano, em homenagem aos 50 anos do assassinato de Vlado, a quem o prêmio faz homenagem, uma nova categoria foi criada: a de Defesa da Democracia, saíndo vencedor o documentário da Globonews “8/1 – A demo-

cracia resiste”. A categoria busca destacar pautas que retratem a política nacional, ataques ao Estado Democrático de Direito e à forma como as instituições estão preservando a nossa Democracia.

O evento tem entrada gratuita e é aberto ao público. Os ganhadores do prêmio podem ser conferidos em <https://premiovladimirherzog.org/vencedores-47-premio-vladimir-herzog-2025/>. Já nesse sábado, 25, um ato interreligioso acontecerá na Catedral da Sé em homen-

gem aos 50 anos da morte de Vlado e também, aos mortos e desaparecidos na Ditadura Militar. Começará às 19h e contará com personalidades como Dom Odilo Scherer, os políticos Lindbergh Farias e Gleisi Hoffmann, coro musical e a exibição de um vídeo com a leitura de uma carta de Zora Herzog, mãe de Vlado, interpretada por Fernanda Montenegro. O evento ocorrerá no mesmo local que, há 50 anos, reuniu milhares de pessoas na missa de sétimo dia de Vladimir Herzog.



SEMANA DE LETRAS 2025 LETRAS EM MOVIMENTO



PUC-SP

DIA 27/10 segunda-feira
Auditório 100

LICENCIATURA e TRADUÇÃO *all together!*

8:00 - 8:20 Abertura

8:20 - 10:00 Palestra: Letras em arcos de compreensão - olhares lançados sobre a História

Marcelo Furlin

10:00 - 10:15 INTERVALO

10:15 - 11:55 Palestra: Afinidades entre profissionais de Letras e Tradutores

Jiro Takahashi

DIA 28/10 terça-feira
only LICENCIATURA
Auditório 100

9:00 - 9:30 Palestra: Travessias Acadêmicas - da PUC-SP à experiência internacional em estudos culturais e literários

Felipe Costa Neves

9:30 - 10:00 English language teaching - preservice (sketch)

10:00 - 10:15 INTERVALO

10:15 - 11:55 II Encontro discente

only TRADUÇÃO Auditório 117A

8:20 - 10:00 Do Texto à Prática: quando a formação em Tradução abre outras portas

10:00 - 10:15 INTERVALO

10:15 - 11:55 Tradutores em ação - Relatos de carreira

DIA 29/10 quarta-feira
Auditório 100

LICENCIATURA e TRADUÇÃO *all together!*

8:20 - 9:00 Apresentação artística
• Poem Reading: Nature is speaking
• Play Reading

9:00- 10:00 Palestra: Fazer poesia
Aline Bei

10:00 - 10:15 INTERVALO

10:15 - 11:55 Alunos e egressos:
Apresentações de trabalhos
acadêmicos

Integração entre cursos:
• Game "Foreign language
countries"
• Songs

Encerramento

CIPAA realiza eleição para renovação de sua equipe

Pólicia Militar agride manifestantes em Pernambuco

A eleição da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Assédio, CIPAA, acontecerá nos dias 17, 18 e 19 de novembro, no campus Monte Alegre, Fundação São Paulo e Centro Universitário Assunção.

O período de inscrições para candidaturas será de 29 de outubro a 12 de novembro de 2025, junto ao Setor de Desenvolvimento Humano.

Entre os dias 27 e 31 de outubro, a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Assédio promove a Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho, SIPAT, no campus Perdizes.

Na programação, mesas sobre prevenção de acidentes e assédio no trabalho.

No dia 16/10 foi realizado um ato político na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, reivindicando que a Universidade rompesse o convênio com empresas cúmplices do genocídio do povo palestino e em defesa da autonomia universitária. Na dispersão do ato, os seguranças da universidade, juntamente com a Polícia Militar, reprimiram com extrema violência os manifestantes, provocando ferimentos em vários estudantes.

Associações de professores e estudantes, como a Corrente Proletária na Educação, presentes ao ato, manifestaram seu repúdio a mais esta violência contra estudantes e professores em sua luta por justiça social e contra o genocídio imposto ao povo palestino.

JORNALISMO PUC-SP APRESENTA



A experiência de dirigir o Jornalismo da rádio CBN e o convênio com a PUC-SP

PEDRO DIAS LEITE
diretor da rádio CBN e ex-aluno do curso

28/10
8h às 10h
Auditório 100A

No dia 28/10, terça-feira, das 8h às 10h, o curso de jornalismo da PUC-SP promove um encontro entre o diretor da rádio CBN e ex-aluno do curso, Pedro Dias Leite, com os alunos e para a comunidade puquiana que queira participar. O tema será “A experi-

ência de dirigir o Jornalismo da rádio CBN e o convênio com a PUC-SP”, que veicula aos sábados, pela CBN o programa “Universidade no Ar”, com matérias produzidas pelos alunos da PUC-SP. O encontro acontecerá no auditório 100A.

FALA COMUNIDADE

“Ensino quadrado, do passado”?

Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto)

No dia das(os) professoras(es), a página do instagram da PUC-SP veiculou um vídeo institucional de homenagem, no qual estudantes fazem comentários “divertidos” sobre as(os) docentes: “cai na prova?”, “vale nota?”, “posso entregar o trabalho depois do prazo?”, coisas assim... É, de fato, isso acontece, mas nem de longe caracteriza a relação professor(a)/aluno(a) da PUC-SP, nem a paciência (suposta no vídeo) que os(as) mestres(as) precisariam ter.

Destacar certas infantilidades, sem uma única palavra sobre aspectos e dimensões relevantes da relação professor(a)/aluno(a) é uma escolha que deixa de lado o que é nuclear e dá sentido à universidade. Para além de trivialidades cotidianas, a grande maioria das(os) professoras(es) e estudantes da PUC-SP constroem, dia sim e outro também, percursos consistentes de formação profissional, a partir dos quais as(os) estudantes amadurecem intelectualmente, na condição de cidadãos(as) e de profissionais bem preparados, com lucidez crítica em face de suas carreiras e da sociedade.

O tal vídeo pode ser “fofinho”, mas a infantilização que destaca não faz jus à universidade que fazemos juntos (docentes, estudantes, funcionários/as). Essa podia ser só uma “bola fora” da agência contratada (após o desmonte da Assessoria de Comunicação da PUC-SP), se não fosse precedida de outros eventos, alguns ainda mais surpreendentes e preocupantes!

Um pouco antes do vídeo pueril, um outro, também publicado no instagram oficial da PUC-SP, diz que “depois de ouvir professores, alunos e egressos de sucesso no mercado”, promoveram “mudanças que tornam a nossa universidade mais *acessível, mais*

conectada e mais inovadora” (grifos meus), trazendo a “IA para dentro de nossa casa”, reorganizando “horários para facilitar rotinas dos nossos alunos” e ganhando “eficiência, permitindo mensalidades mais acessíveis”. Concluem em tom apoteótico: “nada de ensino quadrado, do passado!”. Essa publicação reitera boa parte do conteúdo de entrevista do Reitor e de seu jovem chefe de gabinete ao jornal O Estado de São Paulo por ocasião do início da campanha do vestibular de verão 2026; entrevista na qual o Reitor fala também em ensino menos “doutrinário” e mais conectado ao mercado.

Além da desleigância e do enorme equívoco do vídeo institucional em chamar o ensino da PUC-SP de quadrado e do passado, em que consistiriam as tais mudanças? A absoluta generalidade das afirmações não permite saber com muita precisão o que significam e como foram efetivamente realizadas. Senão vejamos.

✓ Você foi ouvido? Eu não fui e os vários docentes com quem conversei também não foram. Conversaram com quais docentes, estudantes e egressos? Sobre o quê e com quais critérios? As únicas conversas (com docentes e estudantes de determinados cursos) sobre as quais tivemos notícia compõem uma eufemisticamente chamada “avaliação” que, pelo relato de colegas, re-colheu apenas algumas opiniões pontuais de estudantes, que se manifestaram em uma única reunião com avaliadores da Reitoria. O mesmo vale para certos docentes da Direção, Coordenações de cursos e Núcleos Docentes Estruturantes (NDEs), que relataram, basicamente, um clima de cobrança, também durante uma única reunião com os avaliadores e em “devolutiva” pela Reitoria. Naturalmente e por óbvio, esses procedimentos

nada têm a ver com avaliação de cursos, longe disso.

✓ Reorganização de horários? Como assim, no que ela consistiu? Foi para todos os cursos? Baseada em quais demandas, com quais critérios e como teria melhorado as rotinas do conjunto dos(as) estudantes? A afirmação do referido vídeo é tão vaga que mal dá para saber do que se trata.

✓ Quais são os supostos ganhos de eficiência, que teriam gerado mensalidades mais acessíveis? Soube-se que 13 cursos tiveram mensalidades reduzidas, em percentuais distintos. Por que esses 13 cursos? Por que percentuais tão diferentes? Os demais também serão contemplados? Quando e sob quais parâmetros? Redução de mensalidades é, em princípio, bom e necessário, mas não ficou claro se essa decisão baseou-se em mudanças curriculares e se há impactos acadêmicos.

✓ Segundo colegas de alguns desses 13 cursos, uma das estratégias utilizada para redução de mensalidades foi a de alterar currículos pela fusão de turmas – inclusive de cursos diferentes –, o que diminui a carga contratual docente e costuma ser academicamente bem complicado, salvo casos em que eventuais junções justifiquem-se pedagógica e academicamente de modo consistente. A Apropuc alertou que a estratégia de juntar turmas para reduzir carga contratual docente tem nome: “ensalamento”, cuja finalidade é reduzir custos com mão de obra docente, buscando aumentar lucratividade, apenas isso. Essa foi a principal estratégia? Se sim, nenhum ganho de eficiência acadêmica está ou estará no horizonte, ao contrário.

✓ Deixe por último a história da conexão com o mercado e a afirmação de que “trouxemos a IA para nossa casa.” O que significa isso?? Os campi da PUC-SP tem de-

safios relevantes de conexão com a internet, outros tantos com ferramentas digitais de que dispõem docentes e estudantes, é só olhar o quanto defasado e pouco amigável são seus Portais para saber do que falo. Ainda assim, não esperamos uma boa infraestrutura tecnológica da universidade para usar IAs. Com os devidos cuidados éticos e muitas vezes bancando os custos dessas ferramentas, muitas(os) professoras(es) já usam IAs em suas disciplinas de graduação e/ou pós-graduação, em projetos de pesquisa e extensão. Qual a novidade? Por fim, o que é estar mais conectado ao mercado? Sabemos que as/os profissionais formados pela PUC-SP sempre tiveram (e continuam tendo) boa aceitação no mercado de trabalho. Então, a maior conexão ao mercado corresponderia a um ensino e talvez também pesquisa mais alinhados à visões de mercado? Se for por aí, também por razões óbvias será um verdadeiro desastre! De novo, a vaguedade da afirmação não permite saber ao certo o que está em jogo, por isso a apreensão permanece. Uma PUC-SP mais *acessível, conectada e inovadora* não se realizará sem os imprescindíveis investimentos nas condições de trabalho – começando pela revogação da Deliberação 03/2023 da Fundasp – e na infraestrutura tecnológica; não se realizará sem debate qualificado com a comunidade universitária e sem reapropriação plena da autonomia universitária! Certamente, a PUC-SP não carece de medidas opacas, de “equívocos” de comunicação e de grosserias em relação ao ensino de alto nível que, apesar dos pesares, nossa universidade sempre praticou!

Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto) é Professor titular da FaCHS

FALA COMUNIDADE

Compartilhar o poder e não terra

Reginaldo Nasser

O cessar-fogo sempre foi um dos objetivos pelos quais o povo palestino e as imensas mobilizações populares em todo o mundo estavam reivindicando há muito tempo. Portanto, não há como não valorizar a interrupção parcial das ações militares israelenses que ainda fustigam o povo palestino. Os números são impactantes: Israel matou ou feriu mais de 10% da população de Gaza (200 mil pessoas), 20 mil crianças foram assassinadas e 17 mil estão órfãs, 92% das moradias e 80% das instalações comerciais foram atingidas e 88% das escolas foram destruídas.

Omer Bartov, um destacado acadêmico israelense especializado em estudos sobre Holocausto e genocídio, afirmou, de forma sucinta, aquilo que já se tornou consenso em várias comunidades e associações de juristas internacionais: que a ação do Estado de Israel em Gaza revela, claramente, os quatro requisitos básicos para se definir genocídio:

a desumanização dos palestinos e apelos dos líderes israelenses à destruição total de Gaza; a destruição sistemática da infraestrutura civil, deslocamento forçado com o objetivo de forçar a população palestina a se concentrar em áreas menores, com a privação de alimentos, água potável e assistência médica. Ou seja, uma campanha deliberada para tornar impossível a vida dos palestinos na Faixa de Gaza, forçando-os a partir ou perecer.

Há várias incertezas em relação a esse momento e é pre-

ciso estar atento às movimentações dos diversos atores que entraram em cena em Gaza. Mas não podemos deixar o genocídio no esquecimento, inclusive porque ele pode ser retomado a qualquer momento. Além disso, é um momento propício para a manipulação das ideias e as propostas a ela associadas. Nota-se, por exemplo, o uso contínuo por parte de governantes, da mídia e mesmo entre analistas do campo progressista, das palavras guerra e paz. Ora, como se sabe, não há guerra entre Israel e Palestina, mas uma ação de exterminio em que a imensa assimetria de poder deixa aos palestinos a possibilidade de escolha entre resistir ou se submeter. Muito menos pode-se falar em paz, qualquer que seja o significado que se use para essa palavra; os dados econômicos e sociais mostram que os palestinos em Gaza viviam um verdadeiro inferno mesmo antes do dia 7 de outubro de 2023.

Também é, sobejamente, conhecido o fato de que a resistência colonial só terá fim com a criação do Estado Palestino. Durante esses dois anos de genocídio, notou-se um avanço significativo no reconhecimento do Estado da Palestina, inclusive por vários países ocidentais, aliados dos EUA e Israel, como Reino Unido, França, Canadá e Austrália, que se juntaram às 140 outras nações que já haviam se manifestado nesse sentido. Muito antes de 7 de outubro, estava claro que os elementos necessários para a solução de dois estados já não existiam, quanto mais agora com o genocídio em Gaza. As fronteiras demarcam

linhas de soberania entre estados e já não há fronteira entre Israel e a Cisjordânia. Um relatório da ONU estima que por volta de 700 mil colonos judeus ocupam o território palestino na Cisjordânia. Creio que esses países que apoiam a criação do Estado Palestino deveriam se dedicar a resolver essa questão: como retirar 700 colonos que têm apoio não apenas do governo de Netanyahu, mas do parlamento israelense e de grande maioria da sociedade? Essas declarações de apoio à criação do Estado Palestino têm como objetivo desviar a atenção do fato de que muitos desses estados têm apoiado financeira e militarmente Israel e sido criticados veementemente por suas respectivas sociedades.

Já a outra opção, um só estado, não está no imaginário, e já existe concretamente. Está entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Jordão, um estado que controla a entrada e saída de pessoas e bens, supervisiona a segurança e tem a capacidade de impor suas decisões, leis e políticas a milhões de pessoas, mas sem o consentimento dos palestinos.

No momento da criação do Estado, em 1948, havia basicamente duas possibilidades: a identidade judaica de Israel ou a democracia. Como se sabe, a escolha da primeira opção, apoiada pela ONU e pelas grandes potências, fez com que se instituisse um regime de apartheid em que os não judeus vivem sob segregação, separação e dominação. A ocupação de Gaza e Cisjordânia após a Guerra dos Seis Dias em 1967 e a fragmentação do território palestino

foram as consequências desse projeto colonial iniciado em 1947.

Não há dúvida nenhuma de que o caminho para se criar um Estado democrático binacional é um processo árduo, mas, diferentemente da proposta da criação de dois Estados, reside em questões concretas. Como alguns ativistas palestinos têm dito, em vez de se concentrar na questão da terra – em que Israel sempre terá domínio militar e tecnológico –, chegou a vez de se focar nos direitos políticos, sociais e econômicos dos palestinos.

Os palestinos sempre souberam que as alegações de paz de Israel eram falsas, porque viram em primeira mão o que o país estava fazendo: criando fatos concretos que tornariam impossível a criação de um Estado palestino independente. Locais estratégicos foram cuidadosamente escolhidos e assentamentos exclusivos para judeus foram construídos recisamente para impedir qualquer esforço sério dos palestinos de exercer seu direito inalienável à autodeterminação. Em síntese, como alguns movimentos palestinos estão dizendo, chegou o momento de abandonar de uma vez por todas a proposta de compartilhar a terra, solução de dois Estados, pela luta em compartilhar o poder em um único Estado democrático.

Reginaldo Nasser é Professor de Relações Internacionais da PUC(SP) e pesquisador do INEU - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os EUA